



Anos 90: Revista do Programa de Pós-

Graduação em História

ISSN: 0104-236X

anos90@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Brasil

Weinstein, Bárbara

“Elas nem parecem operárias” – feminilidade e classe na América Latina no século XX

Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 17, núm. 31, julio-,

2010, pp. 145-171

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574069163005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

“Elas nem parecem operárias” – Feminilidade e classe na América Latina no século XX*

Bárbara Weinstein* *

Resumo: Novas pesquisas sobre a cultura de consumo e a feminilidade operária nos Estados Unidos têm argumentado que a atenção dada pelas jovens operárias à roupa da moda e aos romances populares não minou as identidades proletárias, mas, pelo contrário, providenciou importantes recursos pra criar essas identidades. Neste artigo considero se podemos encontrar um processo similar de apropriação entre as mulheres operárias na América Latina. Mulheres operárias nas fábricas latino-americanas tinham que lidar com o desprezo geral para com a mulher que trabalhava em fábrica. Examinando, em primeiro lugar, os Centros de Aprendizado Doméstico em São Paulo, fundados pelas associações patronais, demonstro que a “feminilidade decente” nesses centros – frequentados por milhares de mulheres da classe operária – refletia noções da “dona de casa qualificada” construídas dentro da classe média, e identificou a mulher da classe operária como “quase” de classe média. Nesse caso, encontramos um processo de “aproximação,” em vez de apropriação. Em seguida considero o caso da Argentina (especificamente, Grande Buenos Aires), onde o peronismo também promoveu o papel “tradicional” da mulher da classe operária, mas, nesse contexto, destaco o impacto de Eva Perón no papel de heroína das trabalhadoras. A figura de Evita – repugnante às mulheres das

* Tradução de Regina Célia Lima Xavier, Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

** Professora da New York University. E-mail: bw52@nyu.edu.

classes privilegiadas – tornou-se um meio para a construção de uma feminilidade alternativa e classista para as mulheres operárias argentinas.

Palavras-chave: Feminilidade. Classe operária. Dona de casa. Apropriação. Evita.

Algumas das pesquisas mais inovadoras no campo da história do gênero e do trabalho, especificamente na área da história dos Estados Unidos, são aquelas relacionadas com o tema do consumismo e novas noções e estilos de feminilidade no meio das mulheres trabalhadoras. Isso inclui, especialmente, o trabalho pioneiro de Nan Enstad (1999), no qual ela sugere muitos *insights* relativos à maneira das mulheres operárias usarem imagens de filmes e romances populares para criar suas próprias identidades, ambas relacionadas com a classe operária e com a feminilidade.¹ Questões sobre consumismo, aparência, estilo, comportamento, etc., têm recebido menos atenção no contexto da América Latina, com exceção daqueles pesquisadores que estudam o passado recente (por exemplo, o trabalho de Heidi Tinsman (2004) sobre globalização, trabalho e gênero na indústria de frutas chilena ou Carla Freeman (2000) sobre trabalhadores *high-tech* em Barbados). Isso se deve, parcialmente, à tendência de supor que os operários latino-americanos, homens e mulheres, foram efetivamente excluídos do moderno mundo do consumismo – embora certamente não o tenham sido do mundo da cultura popular, a qual, como Enstad (1999, p. 7) argumenta, constitui “uma fonte (entre muitas) usada pelas pessoas para criarem um senso de comunidade, de prazer e, às vezes, de política”.

Mas eu creio que nós também pressupomos, como devemos, que as mulheres da classe operária latino-americana, nas primeiras décadas de industrialização, enfrentaram desafios particularmente assustadores. Refiro-me às suas relações e confrontos com modelos de feminilidade e respeitabilidade que estavam em transformação. Tiveram, ainda, menos espaço de manobra que as mulheres das classes populares alhures, no sentido de reinventar o sentido de ser mulher e trabalhadora.

Sujeitas a construções de imagens depreciativas sobre a mulher da classe operária feitas pelas classes dominantes e pelo homem de sua própria classe putativa, vistas como maculadas e degradadas

pela experiência do trabalho assalariado (particularmente o trabalho na fábrica), a resposta das mulheres da classe operária foi provavelmente uma afirmação de sua feminilidade e respeitabilidade através da aproximação/apropriação do gosto e estilo associados com a mulher da classe média.² Enstad (1999) argumenta, persuasivamente, que essas aproximações não se traduzem necessariamente pelo enfraquecimento de identidades políticas,³ mas, se nós deslocarmos o espaço e o tempo para a metade do século XX e para a América Latina, leituras tão otimistas como esta ficam difíceis de serem sustentadas.

No ensaio que se segue, baseada em meu trabalho e em pesquisas recentes sobre gênero e classe na América Latina, busco explorar como as preocupações com feminilidade influenciaram a identidade da classe operária. Por feminilidade entendo um conjunto de noções sobre estilo, aparência e comportamento feminino (sexual ou outros) que emerge de fontes variadas e que pode despertar uma série de desejos. O que estou sugerindo, especulativamente e com muitas reservas, é que na América Latina, e talvez alhures, imagens de feminilidade/respeitabilidade refletiram tipicamente padrões de gênero de uma classe média emergente e, desse modo, tenderam a minar a identidade política da classe operária do ponto de vista das mulheres. Para negociar imagens próprias de feminilidade, a mulher da classe operária teve que minimizar os aspectos de “classe” de suas identidades e dissociá-las, tanto quanto possível, do mundo do trabalho e das ruas. Os homens da classe operária, por um lado, puderam se basear em imagens tradicionais de masculinidade que, ao enfatizarem o trabalho pesado, a força e a independência, reforçaram sua identidade enquanto operários. Igualmente importante, formaram a base para ridicularizar homens de outras classes sociais tidos como insuficientemente machos. Mulheres da classe operária, por outro lado, tiveram poucos recursos para repelirem insinuações sobre atributos físicos pouco atrativos, ausência de respeitabilidade sexual e comportamento masculinizado.⁴ Enstad, mesmo em sua interpretação “otimista”, escreveu que a mulher operária nos Estados Unidos “criou seu próprio estilo distinto que implicitamente negava que o trabalho as tornasse masculinas, degradadas ou estranhas” (ENSTAD, 1999, p. 78).⁵ Mas o

próprio fato de terem que negar essas imagens e neutralizar o estigma do trabalho na fábrica é significante. Obviamente, aparentar “masculino” era dificilmente um problema para a maior parte dos homens que trabalhavam. Para sistematizar, quero argumentar que, na maior parte das circunstâncias, masculinidade e classe entrecruzadas reforçavam a identidade (masculina) da classe operária, enquanto feminilidade e classe entrecruzadas enfraqueciam a identidade (feminina) da classe operária. Além disso, qualquer esforço para repelir imagens negativas da mulher operária ou para construir formas alternativas de feminilidade tornava-se ainda mais complexo pela questão da raça – que era muito mais perturbadora no contexto da América Latina, onde as fronteiras entre branco e não branco eram muito mais fluidas e instáveis, onde se dava mais importância à “auto-apresentação” do que à cor da pele.⁶

Quero enfatizar que estou construindo um argumento relativo, não absoluto. Certamente a mulher da classe operária na América Latina nunca prescindiu inteiramente de recursos para mudar representações negativas ou para construir imagens culturais alternativas. Sueann Caulfield (2000), em seu excelente estudo sobre episódios de sedução e defloramento no Rio de Janeiro, durante os anos de 1920 e 1930, descreve numerosos casos de jovens mulheres trabalhadoras, ou suas famílias, que afirmaram seu caráter honrado/respeitável e consequentemente seu direito à proteção legal contra sedutores, embora seu emprego as expusesse às “ruas”, algo que normalmente poderia tê-las desqualificado para reivindicar direitos à respeitabilidade feminina. Ela também observa o uso que estas mulheres cedo fizeram das imagens cinematográficas para justificar ações tomadas em nome do amor “moderno” e do romance (CAULFIELD, 2000).

Eu também não pretendo construir uma relação de tudo ou nada entre uma preocupação específica com a feminilidade e inclinações da militância operária, embora considere que os rituais associados com greves ou protestos, seguidamente, eram conflitantes com modelos dominantes do comportamento feminino que não eram facilmente descartados pelas mulheres operárias. Historiadores – especializados em história do trabalho feminino – têm recuperado, com muito entusiasmo, evidências sobre o comportamento

rebelde entre as mulheres da classe trabalhadora no contexto dos protestos operários, mas têm sido relutantes em focalizar aquelas mulheres trabalhadoras que evitaram greves ou protestos precisamente porque tais ativismos implicaram transgressões às “fronteiras” do comportamento feminino. Não é difícil encontrar exemplos de mulheres receosas em relação à militância por medo de parecerem brutais ou masculinas. No maravilhoso estudo de Ann Farnsworth-Alvear (2000) sobre as mulheres operárias no setor têxtil em Medellín, Colômbia, *Dulcinea in the factory*, uma de suas entrevistadas lembra a visita de uma ativista comunista (que era também uma mulher da classe média), María Cano, às redondezas da fábrica têxtil Coltejer durante a greve de 1935. Essa operária em particular, María Elisa, estava horrorizada pela greve. Embora ela apoiasse as demandas por aumentos salariais, ela percebia a paralisação como algo que impulsionava as mulheres a se comportarem de maneiras impróprias (incluindo atirar pedras e jogar fura-greves em um rio próximo). Ao mesmo tempo, María Elisa só havia guardado, em sua memória afetiva, a visita de Cano. Parece ter sido muito mais o estilo dela e sua feminilidade, do que seu radicalismo político, que chamou sua atenção:

Ela não era como eles sempre disseram, não... eu me lembro dela lá com seu vestido bonito, eu me lembro daquele vestido tão bem, tinha cores claras, com mangas bonitas assim, estava na moda mangas longas, e saltos? Belos saltos!... e um bonito chapéu, assim de lado, com um pequeno véu. (FARNSWORTH-ALVEAR, 2000, p. 126-128).

Essas e outras observações indicam que María Elisa ficou tão impressionada com María Cano precisamente porque ela era tanto militante comunista quanto uma mulher distinta, diferentemente das grevistas demasiadamente agressivas, masculinizadas (e não da classe média), as quais María Elisa desdenhava abertamente.

O que pretendo fazer no restante deste breve ensaio é focalizar dois casos. Um é baseado em minha própria pesquisa em São Paulo, que ilustra de alguma forma meu argumento que o apelo à

feminilidade associado com o estilo da classe média e ao consumismo tende a enfraquecer, ou a diluir, as identidades políticas de classe das mulheres da classe operária. O outro é baseado no esplêndido estudo de Daniel James (2000) sobre uma história de vida de uma mulher da classe operária, *Doña María's story*.⁷ No cenário da cidade industrial de Berisso, na província de Buenos Aires durante o período peronista, ele apresenta um caso no qual um contexto político particular e uma figura política específica impulsionam as mulheres da classe operária a construir uma crítica da “mulher normativa” (da classe média) e a propor uma noção de classe, alternativa, de feminilidade.

Esboçada minha evidencia, não pretendo desenhar um contraste profundo entre as mulheres da classe operária em Buenos Aires e São Paulo no que diz respeito à classe e à feminilidade. Mas gostaria de argumentar que a experiência política específica das mulheres da classe operária na Argentina (e a identidade delas como tal) as tornou peculiarmente capazes de repelir ou retrabalhar as imagens de feminilidade da classe média. No entanto, no caso com o qual estou mais familiarizada – mulheres da classe operária na Grande São Paulo que fizeram cursos de artes domésticas financiados pelo setor industrial –, gostaria de argumentar que a construção sobre feminilidade feita pela classe média não apenas tinha um grande apelo, mas situava as mulheres da classe operária como uma ponte, em potencial, para a cultura da classe média.

Minha pesquisa com mulheres operárias em São Paulo enfatizou principalmente programas e cursos criados e fundados por uma organização industrial, o Serviço Social da Indústria (SESI), no final dos anos 1940.⁸ Exclusivamente para mulheres da classe operária, esses cursos eram ministrados por mulheres profissionais da classe média treinadas como assistentes sociais tanto quanto como instrutoras das artes domésticas. Ao início dos anos 1950, o SESI decidiu concentrar esses vários cursos de economia doméstica para mulheres da classe operária em Centros de Aprendizado Doméstico (CAD). Por volta de 1954, a organização tinha inaugurado vinte e cinco destes centros no estado (sete na capital e o restante em subúrbios industriais e no interior). Os centros ofereciam regularmente três diferentes cursos de culinária, que

variavam de acordo com o nível de dificuldade, assim como os cursos de puericultura, preparação para o casamento, administração e higiene doméstica. Cursos de corte e costura, oferecidos previamente apenas nas fábricas ou nas sedes dos sindicatos, passaram a estar disponíveis em vários centros. Para complementar essas atividades, o SESI começou a publicar duas revistas mensais – sendo uma mais efêmera, *Dona de Casa*, e outra mais duradoura, *SESI-Higiene*.

Os centros ofereciam instruções para mulheres de todas as idades, com cursos para as “mãezinhas” de nove a 14 anos de idade, cursos de preparação ao matrimônio destinados às mulheres jovens, e outros cursos abertos para aquelas maiores de 16 anos. Estudantes, especialmente nos cursos de culinária, frequentemente organizavam festas e concursos que envolviam amigos e familiares, e cada formatura era ocasião para extensa celebração. As mulheres associadas aos centros também tinham uma participação proeminente em outras atividades do SESI, como o Dia do Trabalho ou Baile da Primavera. E uma vez completados os cursos, uma ex-estudante poderia manter contato social através da Associação Alumni formada a cada ano. O conjunto desses cursos trabalhava com a hipótese de que as mulheres da classe operária eram, antes de tudo, esposas e mães, ou futuras esposas e mães. Mulheres deveriam trabalhar antes do casamento, ou trabalhar fora de casa depois do matrimônio, de vez em vez, para aliviar dificuldades financeiras, mas sua maior contribuição pecuniária para o lar deveria ser a organização racional do orçamento, a atmosfera sadia e a boa educação das crianças. Como o primeiro número da revista *Dona de Casa* (n. 1, fev. 1950, p. 1) afirmava, referindo-se ao seu título: “eis aqui, em três palavras apenas, o sonho dourado de quase toda jovem”.

Com variados graus de sutileza, os cursos de economia doméstica ensinavam as estudantes que as donas de casa, apesar de não serem assalariadas, eram altamente responsáveis pelo padrão e qualidade de vida de seus lares. Desse modo, *Dona de Casa* (n. 1, fev. 1950, p. 1) estimulava os leitores com esta chamada para que se iniciasse “por todos os meios, uma campanha contra a má-alimentação e descuido dos lares brasileiros”. De forma similar, o relatório de um concurso de culinária entre estudantes dos CADs de dois diferentes

subúrbios industriais afirmava aos leitores do jornal do SESI que “se todas as futuras donas de casa adquirissem conhecimentos sobre arte culinária, nutrição e dietética, como os que são ministrados nos Centros de Aprendizado Doméstico, dentro em pouco, não mais haveria problemas surgidos da deficiência alimentar” (SESI-JORNAL, n. 12, dez. 1955, p. 1-2, 5). Referindo-se a esse mesmo concurso, Antônio Devisate, industrial e presidente do SESI, informava a sua audiência que a “ignorância” sobre tarefas domésticas por parte das mulheres das classes operárias era a maior causa das disputas matrimoniais. Ele reclamava que em cerca de noventa por cento dos casos de separação, que haviam procurado a atenção do serviço jurídico do SESI, a raiz do problema estava na incompetência doméstica das esposas.⁹ Deste modo, a esposa “qualificada” poderia prover um lar confortável e uma dieta equi-librada para sua família e, ainda, salvar seu casamento. As mulheres solteiras em idade de casar eram aconselhadas pelos cursos e publicações do SESI a ser “modestas, simples e meigas”, alegando que os homens poderiam sair com mulheres impetuosas, coquetes e maquiadas, mas infalivelmente escolheriam tipos mais austeros como esposas (DONA DE CASA, n. 1, fev. 1950, p. 1).

Nas revistas para mulheres e nos materiais instrucionais, o SESI teceu uma estreita associação entre higiene, moralidade e casamento bem sucedido. Isso está bem ilustrado na obsessiva atenção que o SESI dedicou ao problema da sífilis – especialmente nos cursos de preparação matrimonial (SESI-HIGIENE, n. 1, maio 1950, p. 2-3) –, às práticas relativas aos partos e aos vícios como a bebida. De acordo com *SESI-Higiene* (n. 13, fev. 1952, p. 4) “o álcool destroze a felicidade do lar, degenera a raça e perturba a tranquilidade social”.¹⁰ Embora a literatura do SESI considerasse a bebida excessiva como uma fraqueza predominantemente masculina, era delegada à mulher a responsabilidade de perceber os signos de tais vícios do marido e de criar um ambiente doméstico capaz de conduzir a uma vida saudável. Enfim, era papel das mulheres esticar o orçamento doméstico, dar à luz crianças saudáveis, criar um ambiente doméstico edificante, evitar a difusão da sífilis e as circunstâncias que conduzissem ao vício e a violência. Não surpreende que o SESI tenha repreendido mulheres que buscaram casar como

uma forma de parar de trabalhar, lembrando-as que “seus trabalhos [depois do casamento] serão maiores e as responsabilidades muito aumentadas” (SESI-HIGIENE, n. 18, out. 1951, p. 1).¹¹

Pode-se esperar que prescrições intimidantes como estas sobre a competência da mulher e da mãe desanimaram as mulheres da classe operária a se inscreverem nesses cursos. Mas os centros eram os mais populares entre os programas do SESI. A partir de 1948, quando os cursos de arte doméstica começaram a funcionar, até 1959, os centros concederam cerca de 200 mil “certificados de conclusão” para mulheres paulistas e outros 14 mil certificados para mulheres que fizeram cursos por correspondência (SESI-SÃO PAULO, 1959). Certamente, algumas mulheres fizeram múltiplos cursos, reduzindo o número total de indivíduos representados nessas cifras. Contudo, as estatísticas provavelmente subestimaram o impacto dos centros porque não incluíram mulheres que fizeram vários cursos sem que os tivessem completado, os familiares que participaram nas atividades dos centros e 51 mil graduados em cursos de corte e costura.

Posso apenas especular sobre as razões do apelo desses programas. O comentário ocasional ou carta citada pelo SESI dificilmente indicam as próprias atitudes das alunas. No caso dos cursos de corte e costura, que o SESI tratava como veículo de educação social e como forma de reduzir as despesas domésticas, é evidente que muitas mulheres se inscreveram para aprender um “ofício” que lhes permitisse ter um ganho extra e suplementar o salário de seu marido.¹² Mas os cursos de corte e costura eram exceção a esse respeito. A mesma motivação não pode ser aplicada aos outros cursos. As aulas de culinária eram rudimentares demais para propiciar ganhos extras e os outros cursos eram relevantes apenas para trabalhos não remunerados na esfera doméstica (SESI JORNAL, 30 out. 1950, p. 6; VOZ DA CONSTRUÇÃO CIVIL, n. 12, dez. 1961, p. 4).¹³

Como explicar, então, os milhares de mulheres que se agruparam em cursos de culinária, puericultura e “artes domésticas”? Talvez o centro as atraísse como local apenas para mulheres, onde poderiam se congregar com outras mulheres da classe operária e discutir problemas que eram genuinamente relevantes para suas

vidas cotidianas. Afinal, qual instituição urbana oferecia às mulheres da classe operária um fórum ou local similar de sociabilidade? Certamente não era o caso da sede do sindicato, orientado segundo preceitos masculinos, da Igreja, centrada no padre, ou do bar tipicamente masculino da vizinhança. Apesar da proposta do SESI sobre os problemas das mulheres da classe operária nos parecer demasiadamente moralista e irreal, ela tratou de questões centrais na vida da maior parte das mulheres – lavar, comprar, cozinhar, educar as crianças – como responsabilidades sérias que mereciam cuidadosa consideração. Em uma sociedade que dava pouca importância ao trabalho não remunerado das mulheres, a atenção cuidadosa do SESI a essas atividades, quaisquer que sejam as bases ideológicas, provavelmente proporcionou um contraste revitalizante. Esse processo de valorização se tornou manifesto a cada turno. O SESI fez um esforço considerável para dar a essas estudantes um sentimento forte de realização e importância quando concedia os certificados de conclusão (assim como um sentimento de gratidão pelos patrocinadores da instituição). O papel proeminente da “primeira-dama” do SESI Anita Devisate em tais cerimônias, de políticos e da Igreja, pode ter um toque de *noblesse oblige*, mas sua participação indiscutivelmente reforçou a solenidade na ocasião. Essa era seguramente uma experiência gratificante para as meninas da classe operária e para as mulheres acostumadas a não receber nenhuma apreciação para seu considerável trabalho doméstico (SESI JORNAL, 31 maio 1951, p. 10).¹⁴

Do mesmo modo, acho que podemos assumir que vários eventos festivos promovidos pelo SESI eram atraentes na medida em que ofereciam raras oportunidades para essas mulheres usarem vestidos de gala – provavelmente costurados nos cursos do SESI – e para simular um estilo de vida normalmente inacessível a elas devido ao pouco dinheiro disponível nos lares da classe operária. Os centros também deram acesso às mulheres, ainda que limitado, à mágica da moderna tecnologia doméstica. O SESI equipou as classes de economia doméstica com eletrodomésticos de última geração e Anita Devisate regularmente distribuía prêmios como liquidificadores, louças e amoladores de faca em eventos especiais. As publicações do SESI reconheciham que poucas brasileiras da

classe operária tinham acesso a esse tipo de utensílio doméstico que estava se tornando rotineiro nas casas da classe operária norte-americana, mas o fato desses aparelhos serem inacessíveis às famílias operárias poderia apenas reforçar a atração aos cursos do SESI.¹⁵

A expansão da publicidade e da cultura de consumo significou que as mulheres da classe operária foram constantemente bombardeadas com imagens de feminilidade e sexualidade que pareciam estar além do alcance das “donas de casa” (esta categoria que o SESI imaginou para todas as mulheres da classe operária) financeiramente apertadas e sobrecarregadas. O SESI, efetivamente, aproveitou cada oportunidade para reforçar aspectos de seus programas que se destinavam às necessidades ou desejos das mulheres das classes operárias. A festa de gala do Ano Novo incluía a coroação da “rainha dos trabalhadores”, e o clímax do Baile da Primavera era a coroação da “rainha da primavera” e a apresentação dos “brotinhos” da classe operária (meninas adolescentes debutantes) (SESI JORNAL, 31 jan. 1949, p.1). Se as matrículas são um indicativo, tais atividades tinham um considerável apelo entre as mulheres da classe operária. Enquanto isso, os funcionários do SESI tinham grande prazer em observar a transformação operada pelos Centros de Aprendizado Doméstico. Como uma assistente social observou: “Veja como essas moças, com raríssimas exceções, já estão desembaraçadas e levantam com orgulho as suas cabeças. Elas nem parecem operárias.” (SESI JORNAL, 31 maio 1951, p. 10).

É uma grande ironia que o SESI, cujos serviços estavam disponíveis exclusivamente para trabalhadores e suas famílias e que era a entidade que mais agressivamente associava as mulheres da classe operária durante essas décadas, tenha contribuído ativamente para a marginalização das mulheres operárias das fábricas e promovido a imitação da respeitabilidade burguesa (como definida pelos seus funcionários, educadores e assistentes sociais). Era como se a meta fosse transformar a *mulher trabalhadora* e até a *mulher da classe operária* em oximoros. As mulheres poderiam formalmente pertencer à classe operária por causa do local de trabalho de seu marido – de fato era o que as qualificava para seguir os cursos do SESI em primeiro lugar. Mas sua aparência, autoapresentação, valores e aspirações

deveriam refletir aqueles da dona de casa e consumidora da classe média, mesmo se suas restrições financeiras e culturais as levasssem apenas a se aproximar ou a “imitar” aquele modelo.¹⁶

A identificação generalizada das mulheres da classe operária com uma despolitizada esfera doméstica é também exemplificada pela imprensa sindical nesse período. Alguns jornais de sindicatos sujeitaram os programas do SESI voltados para os homens a uma crítica vigorosa, até sarcástica. Mas, nas longas páginas dedicadas às mulheres, publicaram os textos integrais de panfletos do SESI demonstrando como administrar o lar ou como produzir refeições mais econômicas e nutritivas.¹⁷ Esses jornais não apenas ecoavam a noção que as preocupações das mulheres eram domésticas por natureza, mas ainda tratavam a esfera doméstica ou privada como estando fora do alcance das considerações políticas ou ideológicas. Se, por um lado, os cursos do SESI sobre legislação trabalhista ou sobre as relações sociais no local do trabalho poderiam ser considerados incompatíveis com a militância de classe do movimento operário, por outro lado, qual era o problema do SESI patrocinar as aulas de culinária e de administração doméstica?

Essa sólida identificação entre as mulheres da classe operária com preocupações “femininas” tornaram-se possíveis, em larga medida, esvaziando a categoria *mulher operária* de todas as suas conotações positivas. A mulher operária se tornou uma figura grosseira e desgraçada que trabalhava apenas por necessidade. Ao trabalhar com baixos salários em cargos menos qualificados, ela minava o poder financeiro masculino e se expunha ao abuso sexual. Ao entrar na fábrica, ela enfrentava um beco sem saída – uma rotina monótona de trabalho e uma atividade semiqualificada. Para a maior parte das mulheres, a promessa de sucesso como uma administradora hábil e eficiente do lar deve ter sido muito mais atraente.¹⁸

Uma vez fora da fábrica e em casa, como a sociedade julgava o sucesso da dona de casa? Modelos de administração doméstica e de aparência pessoal refletiram o ideal típico da classe média, de um lar limpo, ordeiro e confortável administrado por uma esposa e mãe competente e elegantemente vestida. Enquanto os homens da classe operária poderiam se basear na tradição de seu ofício, na organização, força masculina e poder financeiro para constituir uma

identidade de classe operária viável (para eles próprios e dentro de um contexto social mais amplo), a associação das mulheres na esfera doméstica deu a elas poucos recursos para criar uma alternativa para o ideal do SESI. Isso não significa que as mulheres da classe operária aceitaram acriticamente todos os aspectos da receita do SESI sobre feminilidade, respeitabilidade e eficiência doméstica. Mas as evidências sobre a participação entusiástica das mulheres nos cursos e festividades do SESI, inteiramente voluntária, indica que não houve fortes resistências aos apelos do SESI ou nenhuma séria aversão às suas pretensões sobre a capacidade das donas de casa, por eles qualificadas, de resolver problemas tais como baixos salários, mortalidade infantil e má nutrição.

Finalmente, mesmo que as fontes mantivessem-se silenciadas sobre a questão da raça, penso que o próprio apelo a feminilidade e respeitabilidade – o mimetismo do baile de debutantes e as festas em *high society* – era uma forma (adotada por organizadores e participantes) de distanciar o “respeitável”, a classe operária ascendente, dos pobres, dos negros, de setores “menos dignos” da população. A família da classe operária que podia manter suas mulheres em casa, longe do trabalho da fábrica, ou (ainda pior) do serviço doméstico, poderia reivindicar um grau de dignidade e *status* não disponível para as pobres habitantes de São Paulo, entre elas muitas de cor e migrantes das áreas empobrecidas do Nordeste.¹⁹ Pesquisas recentes têm descoberto exemplos das “velhas” famílias da classe operária, a maior parte de ascendência branca/europeia, que se distanciaram dos recém-chegados do Nordeste (cuja cor da pele e aparência era altamente variável, mas em geral vistos como não brancos pelos paulistas). Por exemplo, Paulo Fontes (2002, f. 85) cita o seguinte depoimento em seu estudo sobre uma cidade fabril nos subúrbios de São Paulo na década de 1950:

Eu me lembro de um baiano, um cara totalmente decente. Ele teve uma namorada italiana, filha de uma italiana e Sr. Manuel. A mulher gostava deste baiano, mas o problema é que ele nunca pôde passar no portão da casa dela por causa do pai dela. O sangue “azul” (paulista) não podia aceitar o sangue nordestino.²⁰

Considerando as famílias das classes operárias, ansiosas em relação ao seu *status* social, em uma população e economia em transformação, podemos facilmente imaginar o apelo que os programas do SESI operaram, ao sugerirem que as mulheres da classe operária pudessem ser moldadas como donas de casa competentes, respeitáveis e próximas das mães e das donas de casa de classe média. E durante o período no qual o número de mulheres empregadas na fábrica estava decrescendo de forma aguda, e no momento em que o movimento operário e a esfera pública eram decididamente masculinos, nem o contexto político, nem figuras políticas específicas, forneceram meios para as mulheres da classe operária se fortalecerem contra as imagens que circulavam sobre o consumismo e feminilidade da classe média branca (WEINSTEIN, 2004).²¹

À primeira vista, a posição política das mulheres da classe operária em São Paulo e Buenos Aires não parece ser dramaticamente diferente. O peronismo, afinal, tinha um apelo entre os trabalhadores não como uma ideologia de transformação radical, mas como restaurador ou estabilizador de – certas – tradições da classe operária (inventadas ou outras) (JAMES, 1988, p. 94-100; 2000, p. 220-221; LACLAU, 1977). Ademais, o peronismo, longe de procurar mudar os papéis tradicionais de homens e mulheres nas famílias da classe operária, clamou por uma sociedade na qual os homens da classe operária pudessem ganhar salários suficientemente altos para que suas mulheres e filhas não fossem obrigadas a deixar a esfera doméstica e a entrar na fábrica (marca crucial do valor e dignidade do homem). Era um mundo onde, idealmente, as esposas ficavam em casa e criavam futuros cidadãos (machos) para serem fortes e viris peronistas. Embora Perón e Evita insistissem que, se as mulheres (obviamente em caso de necessidade) tivessem que deixar o lar para ir trabalhar, elas deviam receber um salário razoável e, acima de tudo, um tratamento decente, a aspiração era tornar tais “sacrifícios” desnecessários. Ademais, Evita, que nunca teve filhos, teve que de alguma forma incorporar o discurso que elogiava a maternidade e a domesticidade da classe operária. E ela teve que fazer isso não apenas para apaziguar os homens peronistas que não queriam ter seus papéis tradicionais

de gênero modificados, mas, mais importante, ela também teve que se apresentar de uma forma que não fosse perturbadora ou desagradável para a mulher peronista (TAYLOR, 1979).

Isso nos leva à questão central a qualquer discussão sobre Eva Duarte Perón: por que algumas pessoas adoraram Evita e outras a desprezaram? Por que ela foi um anjo e um santo para certos argentinos e um demônio e uma prostituta para outros? (incluindo os observadores norte-americanos, como Victoria Allison demonstrou em seu estudo sobre a imagem depreciativa de Perón na mídia americana²²). Essa é a questão que eu gostaria de abordar, buscando em primeiro plano a resposta das mulheres argentinas da classe operária a Evita e sua emergência como o símbolo da mulher das classes populares.

Para os adversários de Perón, Evita encarnava (literalmente) tudo o que desprezavam no peronismo. Quando Evita e Perón eram atacados ou ridicularizados por aquilo que fizeram ou disseram, apenas Evita era passível de ser criticada pessoalmente, no seu próprio corpo: pela forma como usava seu cabelo, pela falta de bom gosto e o custo das roupas que usava, pelo tamanho de seu tornozelo ou a artificialidade da cor de seu cabelo. Sua origem na classe baixa estava inscrita em seu corpo e roupas, assim como em seu discurso e ideologia. Isso se devia em parte ao fato dela ter uma origem mais humilde que Perón, cuja família não era rica mas aspirava à respeitabilidade da classe média. Além disso, Perón seguiu um caminho perfeitamente convencional (e exclusivamente masculino) para ascender socialmente – a carreira militar. No caso de Evita, porta-vozes da burguesia igualavam a ilegitimidade de seu nascimento com sua presumida ilegitimidade como líder político. Ainda mais importante, eles citavam sua estratégia de ascensão social (quase a única possível para uma mulher trabalhadora pobre e sem recursos familiares), retribuindo favores de homens poderosos com favores sexuais, como prova de que ela era uma prostituta que não tinha a mínima respeitabilidade. Em vez de admirarem sua coragem e ingenuidade ou reconhecendo a ausência completa de alternativas, as mulheres da elite usaram seu passado para julgar a conduta inaceitável de Evita de uma forma que nunca fizeram com Juan Perón – ele se tornou politicamente censurável,

mas não um pária, ou alguém cuja simples presença provocasse repugnância e asco. O auge dessa rejeição coletiva da elite e da classe média a Evita foi a recusa a empossá-la como diretora da Sociedade de Beneficência (como era costume entre as primeiras-damas argentinas), uma alta e tradicional entidade filantrópica, subvencionada pelo Estado argentino.²³

Tanto Juan como Evita tornaram-se objeto de insulto e opróbrio da elite (e foram verbalmente insultados por muitos observadores externos que persistentemente os associavam com o fascismo europeu). Mas apenas no caso de Evita seu corpo e feminilidade foram usados, em primeiro lugar, para deslegitimar seu *status*. Aliás, foi precisamente esse processo de difamação e calúnia que assegurou o sucesso de Evita entre as mulheres da classe operária e, especialmente, entre aquelas recém-chegadas aos centros industriais, vindas do interior da Argentina e que poderiam, facilmente, se identificar com os desafios de Evita. É muito importante enfatizar a posição ambígua das mulheres da classe operária na Argentina dos anos 1940. Por um lado, a rápida expansão da indústria estava criando novas oportunidades de emprego industrial para mulheres, mas o trabalho assalariado, e ainda mais, o trabalho fabril, colocava sua respeitabilidade em questão. Muitas mulheres casadas da classe operária estavam ansiosas para “suplementar” o salário de seus maridos, mas a ambiguidade do trabalho feminino na fábrica significou que elas tiveram que se definir como “ajudando” a família ou recorrendo a isso apenas para evitar sérias privações em casa. Embora algumas certamente gostassem da experiência de trabalhar com outras mulheres e de ganhar dinheiro, elas não poderiam enfatizar tais elementos, especialmente porque muitos maridos já se sentiam incomodados com suas mulheres trabalhando na fábrica (LOBATO, 1997).

Como Danny James (2000) observou, filhas (em oposição às mulheres mais velhas) das famílias da classe operária encontraram ainda maior resistência. Elas às vezes conseguiam seus primeiros empregos na fábrica escondidas de seus pais ou obtinham a permissão para ir ali trabalhar apenas se um irmão ou outro homem de confiança pudesse estar na fábrica para assegurar o bom comportamento da moça e para garantir que não fosse assediada ou seduzida (JAMES,

2000, p. 257-258). Mas a jovem empobrecida, mulher solteira que, como Evita, havia se deslocado para a Grande Buenos Aires vinda do interior, como outras centenas de milhares em busca de trabalho, sonhava com um emprego seguro na fábrica e não gozava do privilégio de se preocupar com a questão de respeitabilidade. Essas mulheres rapidamente ganharam a reputação, até mesmo entre seus colegas de trabalho, de serem livres ou “soltas” – em parte porque elas não eram supervisionadas de perto por parentes masculinos. Um operário lembrava que “elas vestiam roupas baratas achando que estavam na moda [...] Apenas com uma carícia na bochecha elas já se ofereciam” (JAMES, 2000, p. 259). Além disso, para essas mulheres do meio urbano, um salário (mesmo que pequeno) oferecia sua primeira entrada no mundo do consumismo. Nan Enstad (1999) cita muitos exemplos, no contexto americano, de mulheres nas lideranças sindicais que reprovavam a ansiedade da jovem operária em consumir.²⁴ Alguns ecos dessa reprovação, ou melhor, dessa condescendência podem ser ouvidos nos comentários de uma militante Comunista, citada por James, que tinha considerável simpatia pela jovem mulher do interior que facilmente “sucumbia” aos bens de consumo baratos:

Elas saíam correndo do portão, ao meio-dia, assim que recebiam o salário. Atravessando a rua, em frente à fábrica havia dezenas de vendedores que tinham espalhados seus artigos na calçada. Quase tudo era coisa barata, roupas, lenços, bijuteria. Mas era como se elas não pudessem ter o suficiente, como se tivessem sede de comprar coisas... mas, bom, isso era lógico, elas nunca tinham tido dinheiro no interior, nunca antes em suas vidas tinham tido dinheiro suficiente e a oportunidade de comprar coisas para elas próprias. (JAMES, 2000, p. 259).

O trabalho nas fábricas deu às mulheres alguma independência, a oportunidade de fazer novas amizades, de ganhar elas próprias algum dinheiro. Mas, de outro lado, isso colocou sua honra, sua respeitabilidade e sua feminilidade em questão. A autoestima das mulheres da classe operária estava estreitamente conectada

com seus corpos (pode-se argumentar que isso seja válido para a mulher em geral), e o trabalho na fábrica – especialmente nos enormes frigoríficos nos subúrbios de Buenos Aires – era visto como tendo um impacto negativo no corpo feminino, física e esteticamente:

162

Minha mãe trabalhou no setor de conservas da Swift, em uma linha de produção colocando carne em latas. Ela teve retenção de cálcio nos cotovelos por fazer sempre a mesma coisa. Mas o que ela mais odiava era o cheiro. Ela costumava tomar banho no trabalho, mas o cheiro ainda estava nela quando ela chegava em casa e ela costumava tomar banho de novo. Uma vizinha nossa trabalhava na *tripería* e ela tentava tudo para tirar o cheiro dela. Ela passava limão nas mãos. Algumas pessoas nunca perderam o cheiro, ainda estava em suas roupas quando morreram. (JAMES, 2000, p. 266).

Enfim, o trabalho na fábrica podia tornar a mulher operária uma figura sexualizada, mas, ao mesmo tempo, com um *deficit* de feminilidade. Como observa James (2000, p. 266) a esse respeito,

a imagem cultural do feminino era uma categoria burguesa definida, precisamente, pela posse de atributos físicos, sociais e estéticos de difícil acesso para as mulheres operárias, e essa imagem burguesa de feminilidade era construída precisamente em oposição à imagem degradada da mulher operária [...]

Portanto, como é que as mulheres da classe operária podiam contestar essa imagem de uma feminilidade exclusivamente burguesa? Uma maneira era inverter a associação convencional entre classe e sexualidade, ligando as *niñas y mujercitas burguesas* – as senhoras e meninas mimadas e privilegiadas da imaginação popular e melodramática e suas vidas de luxo e ócio com todo tipo de frivolidades e perversidade sexual. Nesse sentido, a repugnância que marcou as atitudes da elite em relação a Evita foi redirecionada pelas mulheres da classe operária para as “damas” das classes

privilegiadas. Encontramos um exemplo notável desse conceito alternativo da feminilidade no poema composto por Doña María Roldán, uma peronista ativista e operária do frigorífico que é a protagonista do livro *Doña María's story*. Ela escreveu os versos em 1947, após a morte de sua jovem amiga Clarita, companheira de trabalho no frigorífico Swift, que morreu de tuberculose (assim como muitos operários do frigorífico). No poema (que ela recitou de memória para Danny James), Doña María vira a mesa. Clarita é bela e pura; são as mulheres burguesas que eram sexualmente perversas e revoltantes (entre outras coisas, beijando delirantemente seus cachorros). E na última linha do poema, Clarita é purificada da doença e da mácula sexual do frigorífico quando é transportada por Jesus aos braços de sua avó no interior da Argentina (JAMES, 2000, p. 245-247).

É difícil ler esse poema sem perceber a conexão entre a figura de Clarita e a de Evita. Como Clarita, Evita era uma pobre menina vinda do interior ridicularizada pelas *niñas burguesitas* porque ela não era “respeitável”, mas qualquer mulher da classe operária, independentemente de onde ela vinha ou de seu comportamento em sua vida íntima, era vulnerável a um estereótipo similar. Apesar do desprezo, Evita emergiu como a mulher mais proeminente da Argentina: sua ostentação em roupas e joias, longe de alienar o suporte da mulher da classe operária, levou as mulheres a imaginarem elas próprias desse modo e sentir que o *glamour* e a beleza feminina não eram exclusividade das mulheres ricas – pelo contrário. Evita tinha a beleza que não vinha apenas da aparência física, mas da dor e do sofrimento. Era a beleza delas, e ela era sua princesa.²⁵

Finalmente, como Clarita, Evita foi purificada da mácula de sua vida anterior, em parte por sua doença prolongada (acompanhada da abstenção de atividade sexual) e em parte por seu autossacrifício em nome do povo argentino. Nos anos finais de sua breve vida, Evita adotou uma forma cada vez mais austera de vestir, preferindo ternos cinza e um severo corte de cabelo, no lugar das roupas brilhantes e dos estilos ostensivos do passado. Obviamente ela estava conscientemente construindo uma imagem de si própria como assexuada, séria e dedicada a seu povo. Ela tinha deixado de ser a ousada menina da família pobre que

virou a princesa da classe operária, para ser a freira da classe operária que não tinha vida além de sua dedicação ao povo. Cada imagem sucessiva de Evita, entretanto, coexistia com as anteriores, mais que as suplantava. Nos lares da classe operária, era mais comum exibir fotos da glamorosa Evita, no lugar de ícones santificados, após sua morte (TAYLOR, 1979).²⁶

É também significante, como Danny James observou, que Clarita viesse do interior, enquanto Doña María era filha de imigrantes italianos e espanhóis. De certo modo, essa “divisa” no interior da classe operária era análoga às tensões e divisões entre trabalhadores descendentes de imigrantes em São Paulo e os recém-chegados do nordeste brasileiro. Mas o peronismo ofereceu um amplo terreno comum, para as mulheres de uma “velha” classe operária de origem imigrante e para aquelas operárias de ascendência “mestiça” chegadas recentemente a Buenos Aires, vindas do interior. Perón celebrava as *cabeças negras*, como ele chamava os migrantes do interior, como a base verdadeira do movimento peronista e assim identificava as atitudes racistas com todos aqueles que eram externos à cultura da classe operária (JAMES, 2000, p. 262).²⁷ Nessas circunstâncias, as mulheres argentinas tiveram os meios para rejeitar noções de feminilidade brancas e de classe média enquanto essas noções fizeram certo sucesso entre as mulheres operárias em São Paulo durante o mesmo período.²⁸

Em outras palavras, o triunfo do peronismo como identidade política para a classe operária na Argentina e a emergência de Evita como uma figura crucial no interior do movimento peronista proporcionaram às mulheres argentinas a capacidade de construir uma forte imagem alternativa de respeitabilidade e feminilidade. Ao mesmo tempo, não devemos ignorar o fato de que o poder dessas imagens foi baseado na representação negativa e degradante das mulheres da classe média e da elite, o que eliminou a possibilidade de outros tipos de alianças e identidades. Isso era um impedimento poderoso para qualquer tipo de movimento feminista que pudesse atravessar as barreiras de classe e criar linhas de solidariedade baseadas no gênero.²⁹ Não era apenas uma questão dos membros de diferentes classes sociais, mulheres da classe operária e da classe média, terem diferentes interesses. Suas identidades de classe eram

inseparáveis de suas mútuas e degradantes construções de gênero. Isso significa que não apenas se opunham politicamente, mas que desprezavam a posição uma das outras, o que cada uma defendia, como parecia, vestia ou cheirava. O corpo de Evita foi o terreno no qual esse desprezo mútuo se manifestou mais vividamente.³⁰

Para concluir, deixem-me enfatizar novamente que este ensaio pretende ser sugestivo, não conclusivo, e meus argumentos devem ser entendidos de forma relativa, não absoluta. As mulheres que fizeram os cursos patrocinados pelo SESI em São Paulo podem ter dado significados inesperados e imprevistos aos cursos e às lições de moral e higiene ministradas pela equipe do SESI. Embora o SESI explicitamente buscasse criar a “paz social” através desses programas, as mulheres formadas nesses cursos podem ter instado seus maridos ou filhos a lutar por melhores salários para prover um estilo de vida mais “classe média”. O que elas não fizeram, de forma facilmente discernível, foi desafiar a representação dominante (depreciativa) das mulheres operárias ou questionar a exaltação da dona de casa da classe média como personificação da feminilidade. Nesse sentido, quero argumentar que o que vemos nesse caso é mais uma “aproximação” das imagens culturais da feminilidade da classe média que sua apropriação.

No caso das mulheres da classe operária na Grande Buenos Aires eu inverteria a ênfase: o processo era muito mais uma apropriação e ressignificação das imagens culturais da feminilidade. E certamente a campeã da ressignificação a esse respeito era a própria Evita. Tendo sido publicamente humilhada pelas senhoras burguesas da Sociedade de Beneficência, ela fundou a Fundação Eva Perón voltada para atividades filantrópicas em proporções sem precedentes (ao menos na Argentina). E a fundação se distinguiu não apenas pelas dimensões das suas atividades, mas também pelo significado para os operários argentinos que seguramente olhavam Evita como um tipo de “Lady Bountiful” completamente diferente das *señoras* da Beneficência.

“They don’t even look like women workers”: Femininity and class in Twentieth-Century Latin America

Abstract: Recent research on consumer culture and working-class femininity in the United States has argued that attention to fashionable clothing and dime novels did not undermine female working-class identities, but rather provided key resources for creating those identities. In this essay I consider whether we can see a similar process of appropriation by working-class women in Latin America. In that region women employed in factories had to contend with widespread denigration of the female factory worker. Looking first at the employer-run “Centers for Domestic Instruction” in São Paulo, I argue that “proper femininity” in these centers – frequented by large numbers of working-class women – reflected middle-class notions of the skilled housewife, and situated working-class women as nearly middle class. What we see is a process of “approximation,” not appropriation. I then look at the case of Argentina (especially Greater Buenos Aires) where Peronism also promoted “traditional” roles for working-class women but where Eva Perón emerges as a working-class heroine. The figure of Evita – widely reviled by women of the middle and upper classes – becomes a means to construct an alternative, class-based femininity for working-class women.

Keywords: Femininity. Working-class. Housewife. Appropriation. Evita.

Notas

¹ Para outra discussão sobre gênero, classe e consumo, ver De Grazia (1996, esp. p. 8).

² Sobre a depreciação das mulheres trabalhadoras (especialmente mulheres operárias nas fábricas), ver Hutchison (2001a) e French e James (1997, p. 11-14).

³ Esse é o argumento feito ao longo do livro, mas desenvolvido especialmente em Enstad (1999, p. 203-207).

⁴ Sobre masculinidade e identidade operária, ver Klubock (1997).

⁵ O termo “otimista” é meu e não dela.

⁶ Estou certa de que, mesmo no contexto dos Estados Unidos, “branquidade” não é sempre autoevidente, como demonstra amplamente o trabalho de Matthew Frye Jacobson (1998).

⁷ Meu agradecimento a Danny James por me permitir citar extensivamente seu livro; embora eu tenha nele me baseado fortemente, ele não é responsável pelas minhas conclusões.

⁸ Escrevi sobre os programas do Sesi em Weinstein (1996, p. 239-247, 1997).

⁹ Ver também “Agarre seu homem!” (DONA DE CASA, n. 37, fev. 1953, p. 2).

¹⁰ Ver também *SESI-Higiene* (n. 37, maio 1953, p. 1) e *Educador Social* (n. 8, ago. 1959, p. 8).

¹¹ Ver também *Dona de Casa* (n. 4, maio 1950, p. 4; n. 18, jul. 1951, p. 4; n. 34, nov. 1952, p. 3).

¹² Sobre a mudança do trabalho fabril para o trabalho em casa (especialmente na costura), ver Hutchison (2001b, p. 45-47).

¹³ A “habilidade” desenvolvida em outros cursos poderia ser apenas apropriada no serviço doméstico, e muitas esposas e filhas operárias se esforçavam para não se tornar empregadas domésticas se pudessem evitar esse destino.

¹⁴ Sobre a presença de dignitários nas formaturas, ver *SESI Jornal* (30 abr. 1951, p. 1). Por exemplo, o prefeito de Santo André, um dos maiores e mais antigos subúrbios industriais, serviu como paraninfo para a formatura da classe de corte e costura. Em São Carlos, cidade do interior, a inauguração do Centro de Aprendizado Doméstico foi presidida pelo Presidente da Câmara e pelo bispo.

¹⁵ Nesse sentido, a orientação era similar àquela da literatura doméstica para mulheres operárias no início do século XX na Alemanha; a esse respeito, ver Mary Nolan (1990).

¹⁶ Sendo que esse comentário estava expressando a perspectiva do “SESI”, creio que o termo paternalista “imitação” é apropriado aqui. A equipe do SESI certamente entendeu que as mulheres da classe operária não tinham condições materiais para realizar o ideal da dona de casa da classe média e a condescendência nas observações “aprovadoras” indica que a equipe via como pelo processo de imitação as formandas do SESI podiam se aproximar, mas nunca realmente atingir, a classe média. Ver sumário da entrevista com Maria Lourdes de Ribeiro (diretora, CAD, SESI-São Paulo), de 16 de abril de 1956 (ROBERT ALEXANDER PAPERS, 1890-1999).

¹⁷ Por exemplo, *O Trabalhador Gráfico* (n. 3, mar. 1960, p. 3) e *A Voz do Metalúrgico* (n. 12, dez. 1958, p. 2).

¹⁸ Sobre a masculinização do trabalho industrial, ver Weinstein (2004).

¹⁹ Apesar dos “perigos morais” do trabalho fabril, famílias operárias em São Paulo preferiam ver suas filhas no trabalho têxtil que no serviço doméstico, que era visto como ainda mais moralmente comprometedor (VECCIA, 1997).

²⁰ “Baiano” era o termo usado rotineiramente pelos paulistas para denominar os nordestinos em São Paulo. É provável que não seja coincidência o fato de serem aqueles mais identificados com a ascendência africana.

²¹ Para uma visão diferente sobre a mulher trabalhadora e política sindical nesse período, ver Joel Wolfe (1993).

²² Sobre imagens depreciativas de Perón na mídia americana, ver Victoria Allison (Inédito, esp. cap. 4).

²³ Para outras informações sobre esse episódio, ver Nicholas Fraser e Marysa Navarro (1980). Após a morte de Evita, as alegações sobre as relações sexuais de Perón com as jovens mulheres deslocaram a crítica a ele para outro terreno.

²⁴ De acordo com Enstad (1999, p. 3), “líderes trabalhistas na International Ladies Garment Workers Union (ILGWU) e no Women’s Trade Union League (WTUL) denunciaram rotineiramente as mulheres trabalhadoras por suas buscas incessantes da moda, por sua ávida leitura de romances baratos nos quais a heroína trabalhadora casava com um milionário e por seu ‘estilo afetado’”.

²⁵ Lamento não ter tido acesso ao livro novo organizado por Mirta Lobato (2005) sobre a beleza feminina e concursos de beleza durante a era peronista quando escrevi este ensaio. Teria, certamente, lançado luz sobre a análise de alguns temas abordados aqui.

²⁶ Meu agradecimento a Alejandra Vassallo por este último *insight*.

²⁷ É interessante notar que Evita “branqueou” sua aparência ao longo do tempo. Raras fotos dela quando criança mostram uma fisionomia quase mestiça, mas, uma vez em Buenos Aires, sua maquiagem clara e seus cabelos louros tingidos tinham expurgado quaisquer traços não europeus (TAYLOR, 1979).

²⁸ Políticos populistas no Brasil elogiaram a reputação nacional referente à “democracia racial”, mas o discurso dominante sobre o desenvolvimento nacional tendia a definir (implicitamente) o típico trabalhador como branco, descendente de imigrantes europeus (WEINSTEIN, 1996, p. 336-338).

²⁹ Para uma discussão sobre a figura socialista feminina que criticou imagens dominantes da sexualidade da mulher operária sem necessariamente transpor essas imagens para as mulheres burguesas, ver a análise de Luisa Capetillo em Findlay (1999, p. 159-166).

³⁰ Sobre o destino do corpo de Evita, ver Donna Guy (2004).

Referências

A VOZ DO METALÚRGICO. Guanabara: Sindicato dos Operários em Metalurgia, 1958-[1961?].

ALLISON, V. *Tabloid nation*: peronist Argentina in the US popular imagination. Inédito.

CAULFIELD, S. *In defense of honor*: sexual morality, modernity, and nation in early-twentieth-century Brazil. Durham, NC: Duke University Press, 2000.

DE GRAZIA, V. Introduction. In: DE GRAZIA, V. (Ed.). *The sex of things*: gender and consumption in historical perspective. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 1-10.

DONA DE CASA. São Paulo: SESI-Depto. Regional, 1950-1953.

EDUCADOR SOCIAL. São Paulo: SESI-São Paulo, 1952-1973.

ENSTAD, N. *Ladies of labor, girls of adventure*: working women, popular culture, and labor politics at the turn of the twentieth century. New York: Columbia University Press, 1999.

FARNSWORTH-ALVEAR, A. *Dulcinea in the factory*: myths, morals, men, and women in Colombia's industrial experiment, 1905-1960. Durham, NC: Duke University Press, 2000.

FINDLAY, E. *Imposing decency*: the politics of sexuality and race in Puerto Rico, 1870-1920. Durham, NC: Duke University Press, 1999.

FONTES, P. R. R. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais*. São Miguel Paulista, 1945-1966. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

FRASER, N.; NAVARRO, M. *Eva Perón*. New York: W. W. Norton, 1980.

FREEMAN, C. *High tech and high heels in the global economy*: women, work, and pink-collar identities in the Caribbean. Durham, NC: Duke University Press, 2000.

FRENCH, J. D.; JAMES, D. Squaring the circle: women's factory labor, gender ideology, and necessity. In: FRENCH, J. D.; JAMES, D. (Ed.). *The gendered worlds of Latin American women workers*. Durham, NC: Duke University Press, 1997. p. 1-30.

GUY, D. Life and the commodification of death in Argentina: Juan and Eva Peron. In: JOHNSON, L. (Ed.). *Death, dismemberment, and memory*: body politics in Latin America. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2004. p. 245-272.

HUTCHISON, E. Q. From *la mujer esclava* to *la mujer limón*: anarchism and the politics of sexuality in Chile, 1901-1926. *Hispanic American Historical Review*, n. 81, p. 519-554, 2001a.

_____. *Labors appropriate to their sex*: gender, labor, and politics in urban Chile, 1900-1930. Durham, NC: Duke University Press, 2001b.

JACOBSON, M. F. *Whiteness of a different color*: European immigrants and the alchemy of race. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

JAMES, D. *Resistance and integration*: peronism and the Argentine working class, 1946-1976. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. *Doña María's story*: life history, memory, and political identity. Durham, NC: Duke University Press, 2000.

KLUBOCK, T. M. Morality and good habits: the construction of gender and class in the Chilean copper mines, 1904-1951. In: FRENCH, J. D.; JAMES, D. (Ed.). *The gendered worlds of Latin American women workers*. Durham, NC: Duke University Press, 1997. p. 232-263.

LACLAU, E. Toward a theory of populism. In: LACLAU, E. *Politics and ideology in marxist theory*. London: Verso, 1977. p. 143-200.

LOBATO, M. Z. Women workers in the “cathedrals of corned beef”: structure and subjectivity in the Argentine meatpacking industry. In: FRENCH, J. D.; JAMES, D. (Ed.). *The gendered worlds of Latin American women workers*. Durham, NC: Duke University Press, 1997. p. 53-71.

_____. (Org.). *Cuando las mujeres reinaban: belleza, género y poder en la Argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Biblos, 2005.

NOLAN, M. “Housework made easy”: the taylorized housewife in Weimar Germany’s rationalized economy. *Feminist Studies*, n. 16, p. 549-577, Fall 1990.

O TRABALHADOR GRÁFICO. São Paulo: Sindicato dos Gráficos, 1905-[1969?].

ROBERT ALEXANDER PAPERS. 1890-1999. New Brunswick, NJ: Rutgers University. Collection no. MC974. Interviews: Brazil — SENAI, SESI and SESC, 1956-1965. Box 5, folder 48.

SESI-HIGIENE. São Paulo, SESI-DR, 1950-1959.

SESI JORNAL. São Paulo: SESI-DR, 1948-[?]

SESI-SÃO PAULO. *Relatório dos trabalhos do ano de 1959*. São Paulo, 1959.

TAYLOR, J. M. *Eva Perón*: the myths of a woman. Chicago: The University of Chicago Press, 1979.

TINSMAN, H. More than victims: women agricultural workers and social change in rural Chile. In: WINN, P. (Ed.). *Victims of the Chilean miracle*: workers and neoliberalism in the Pinochet Era, 1973-2002. Durham, NC: Duke University Press, 2004. p. 261-297.

VECCIA, T. R. ‘My duty as a woman’: gender ideology, work, and working-class women’s lives in São Paulo, Brazil, 1900-1950. In: FRENCH, J. D.; JAMES, D. (Ed.). *The gendered worlds of Latin American women workers*. Durham, NC: Duke University Press, 1997. p. 147-175.

VOZ DA CONSTRUÇÃO CIVIL. São Paulo: Sindicato dos Trabalhadores em Construção, 1951-1964.

WEINSTEIN, B. *For social peace in Brazil*: industrialists and the remaking of the working class in São Paulo, 1920-1964. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996.

_____. Unskilled worker, skilled housewife: constructing the working-class woman in São Paulo, Brazil. In: FRENCH, J. D.; JAMES, D. (Ed.). *The gendered worlds of Latin American women workers*. Durham, NC: Duke University Press, 1997. p. 72-99.

_____. Making workers masculine: the (re)construction of male worker identity in twentieth century Brazil. In: HAGEMANN, K.; DUDINK, S.; TOSH, J. (Ed.). *Masculinity in politics and war: rewritings of modern history*. Manchester: Manchester University Press, 2004. p. 276-294.

WOLFE, J. *Working women, working men*. São Paulo and the rise of Brazil's industrial working class, 1900-1955. Durham, NC: Duke University Press, 1993.

Recebido em: 04/05/2010
Aprovado em: 11/06/2010